



LITERATURA VIRAL¹

VIRAL LITERATURE

Acesse esta Apresentação pelo QR Code:



RESUMO: A *Scripta alumni* v. 23, n. 2 apresenta o dossiê intitulado *Literatura viral*. Para desenvolver esse tema, três seções da revista apresentam dez trabalhos, os quais oferecem diferentes perspectivas e abordagens. Neste número, as discussões abrangem dois eixos: 1) literatura, contágio, epidemias e cenários apocalípticos; e 2) o universo *on-line* como espaço para produção, leitura, crítica e divulgação de textos literários.

Palavras-chave: Literatura viral. Pandemia. Covid-19. Literatura digital. Internet.

ABSTRACT: *Scripta alumni* v. 23, n. 2 presents the dossier entitled *Viral Literature*. To develop this theme, three sections of the journal present ten works, which offer different perspectives and approaches. In this issue, the discussions cover two axes: 1) Literature, contagion, epidemics and apocalyptic scenarios. 2) The online universe as a space for the production, reading, criticism and dissemination of literary texts.

Keywords: Viral Literature. Pandemic. Covid-19. Digital Literature. Internet.

Com o avanço da tecnologia digital, surgiu um novo termo em nossa língua: **viral**, adjetivo que passou a designar o que, a exemplo de um vírus, dissemina-se rapidamente na Internet. Claro que a palavra já existia, mas não era usada no contexto virtual. Dessa forma, sua utilização restringia-se ao sinônimo de **virótico**, associado à proliferação de um vírus, no sentido literal. Portanto, com a nova acepção, ditada pela Informática, a literatura viral passou a designar os textos produzidos e/ou veiculados nas redes sociais ou em *sites* especializados. A mídia diferenciada, e digital, garante acesso a mais leitores. Entretanto, o texto

¹ Esta Apresentação cita trechos de resenhas escritas pela editora e publicadas nos blogs *Recorte lírico* e *Interartes: artes & mídias*, nos anos de 2019 e 2020.

de fato **viraliza** quando é curtido ou compartilhado por um número de pessoas acima da média, batendo recordes na Internet. Contudo, em 2020, quando a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) chegou ao Brasil, a literatura viral reassumiu o significado original do adjetivo que a caracteriza e voltou a fazer referência aos textos ficcionais — digitais ou impressos — que tratam de vírus, doenças, pestes e epidemias. Nesse sentido, a lista dos autores que se dedicaram a esses temas é bastante extensa, mas, a título de exemplificação, citamos apenas alguns nomes: Susan Sontag, Albert Camus, Gabriel García Márquez, Daniel Defoe, Edgar Allan Poe, Giovanni Boccaccio, José Saramago, Philip Roth, Geraldine Brooks, João do Rio e Valêncio Xavier.

Com base nessa duplicidade de sentidos que emprestamos, hoje, à expressão **literatura viral**, o volume 23, número 2 da revista *Scripta alumni* publica trabalhos que refletem sobre as seguintes questões: 1) literatura, contágio, epidemias e cenários apocalípticos; e 2) o universo *on-line* como espaço para produção, leitura, crítica e divulgação de textos literários.

No que diz respeito ao primeiro eixo temático, a pandemia que vivemos atualmente orienta as discussões sobre obras de diferentes épocas, mas que debatem questões que se repetem, como afirmou recentemente a médica e historiadora Dilene Raimundo do Nascimento (TAJRA, 2020)². Em 2020, tornamos protagonistas de uma narrativa distópica, que preferíamos deixar no plano da História ou da Ficção Científica... Porém, hoje, somos obrigados a conviver com a peste, com o medo, com a solidão e com a esperança de dias melhores. No último Festival de Literatura *Pop* (FLIPOP) o autor Raphael Montes, para tentar explicar o que estamos vivendo, utilizou a expressão “inverossimilhança da realidade” (EDITORA SEGUINTE, 2020)³. De alguma forma, isso reativou, em minha memória, uma propaganda veiculada na TV Brasil e que divulgava o projeto DOC TV, criado em 2003. O *slogan* era este: “Quando a realidade parece ficção, é hora de fazer documentários” (SUPPIA, 2020)⁴.

De fato. Quando imaginávamos ver universitários pedindo dinheiro ou vendendo doces no sinal, porque perderam o emprego e querem ajuda para conseguir o tão sonhado diploma? E quem pensaria que um dia Brasil, Índia e Estados Unidos apareceriam no mesmo *ranking* dos Top 3? Inimaginável? Não mais, pois tudo isso está acontecendo agora. Basta ligar a TV ou olhar em volta.

Nesta realidade inverossímil e difícil de entender ou suportar, sem dúvida a arte nos traz alento — não exatamente pelo que é representado, mas

² TAJRA, A. *Brasil repete erros da gripe espanhola, que deixou 50 mi de mortos no mundo*. 14 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/14/brasil-repete-erros-da-gripe-espanhola-que-deixou-milhoes-de-mortos.htm>. Acesso em: 6 dez. 2020.

³ EDITORA SEGUINTE. *#Flipop2020: Terrors e distopias*. 10 jul. 2020. Disponível em: [youtube.com/watch?v=xEXSr34CwNc](https://www.youtube.com/watch?v=xEXSr34CwNc). Acesso em: 17 nov. 2020.

⁴ SUPPIA, A. *Quando a realidade parece ficção, é hora de fazer mockumentary*. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000100024#:~:text=%22Quando%20a%20realidade%20parece%20fic%C3%A7%C3%A3o,document%C3%A1rio%20nos%20%C3%BAltimos%20%20anos. Acesso em: 11 dez. 2020.

pela oportunidade de ver, pensar e sentir sob outra perspectiva. Na tentativa de representar o irrepresentável, buscamos dar sentido ao mundo, à morte e à vida. Portanto, escolhi citar nesta *Apresentação* o trabalho do artista José Rufino, que, no dia 7 de março de 2020 (poucos dias depois de o Covid-19 ter chegado ao Brasil), fez a primeira pintura da série *Fantasmagoria* (Fig. 1). Segundo o próprio Rufino, trata-se de “uma força que tenta enlaçar a pequena frase ‘Sem perdão’”. Era como se fosse uma espécie de estandarte que ia me acompanhar no mergulho nesse abismo desconhecido, tanto do ponto de vista dessa situação existencial, biológica, como também da nossa situação política, ética, social, caótica do país” (CANAL ARTE 1, 2020)⁵.



Figura 1: “A força” e outras obras da série *Fantasmagoria*, de José Rufino. Imagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PEchIU7O8M0>>

Desde o dia 15 de março até outubro de 2020, Rufino fez cerca de 40 obras (CANAL ARTE 1, 2020), sendo que algumas delas privilegiam o cruzamento da pintura com a materialidade de determinados objetos (Fig. 2):



Figura 2: O reforço à materialidade na série *Fantasmagoria*, de José Rufino. Imagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PEchIU7O8M0>>

⁵ CANAL ARTE 1. “*Fantasmagoria*” por José Rufino. Arte1 em movimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PEchIU7O8M0>. Acesso em: 19 nov. 2020.

Usando cores fortes e manchas intensas, Rufino privilegia o minimalismo, o que, sem dúvida, realça o desespero e o luto pela tragédia que se abateu sobre nós (Fig. 3). Ao falar sobre *Fantasmagoria*, José Rufino declara: “É uma série bastante visceral e isso não só tem me mantido vivo, como também me mantido ativo para o que vem depois” (CANAL ARTE 1, 2020).



Figura 3: A relação entre a série *Fantasmagoria*, de José Rufino, e a pandemia causada pelo Covid-19. Imagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PEchiU7O8M0>>

Seja para caracterizar o processo criativo de Rufino ou para defender que a arte é nossa aliada no combate ao caos e ao medo diários, emprestemos esta frase, de Ferreira Gullar: “A arte existe porque a vida não basta” (GULLAR, 2020)⁶. Isso nunca fez tanto sentido, não é mesmo? Seja analisando a arte ou fazendo uso dela para debater as questões da pandemia recente, que se cruzam com os contextos de epidemias passadas, grandes conflitos bélicos e criaturas metafóricas, a primeira e a última seções desta edição da *Scripta alumni* reúnem oito trabalhos.

Na parte intitulada *Questões de (con)texto*, são apresentados sete artigos. “A peste”, de Albert Camus: a recepção no Brasil, a partir de Jacques Madaule e Benedito Nunes consolida a importância da obra de Camus, enfatizando a atualidade e a pertinência dela no contexto pandêmico de 2020. Além disso, o trabalho analisa a relação entre a Segunda Grande Guerra e a peste, usada como metáfora para o conflito mundial. Sob o título “Agora está morrendo muita gente mesmo”: algumas notas sobre “O mez da gripe”, de Valêncio Xavier, o segundo artigo analisa o cenário mortuário na Curitiba de 1918 — assolada pela gripe espanhola —, associando-o à pandemia do novo coronavírus. Em *Vozes silenciadas: a literatura entre os limites da representação em “Diário da queda”, de Michel Laub*, a autora analisa o trauma e a literatura testemunhal, com base no personagem criado por Laub. No microcosmo proposto pelo escritor, um sobrevivente da Segunda Guerra revisita sua própria história, em meio às

⁶ GULLAR, F. *Ferreira Gullar: A arte existe porque a vida não basta*. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTg0MjMx/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

tentativas de conciliação com o neto e consigo mesmo, em um processo fundamentado na memória, na recusa e na aceitação.

Na mesma seção, o artigo “*Speech sounds*” — *a ficção distópica e pós-apocalíptica de Octavia Butler* analisa conceitos fronteiriços, ligados à ficção científica e à realidade. Além disso, as autoras discutem questões pertinentes ao gênero feminino, à alteridade, ao silenciamento e à representatividade debatida pelo local de fala. Já, em *Imagem poética e memória nacional em “A queda do céu”, de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert*, discute-se a literatura indígena, com o mesmo intuito de protagonismo e reação à visão colonialista. Da mitologia Yanomami passamos à greco-romana, no trabalho intitulado *Peste como punição divina: leitura comparada entre Homero e Dícitís*, que analisa excertos da epopeia *Ilíada* e do romance *Ephemeris belli Troiani*, de modo a ressaltar não apenas o mal que aflige a todos, mas também a relação de poder que desencadeou a peste. Fechando a primeira seção da revista, o artigo *Do vodu ao vírus: a evolução do zumbi e sua adaptabilidade às histórias que conta* analisa a trajetória dos zumbis, com ênfase aos filmes de George Romero, quando essas criaturas se tornaram conhecidas mundialmente, e à retomada mais recente, que ocorreu como resposta ao atentado terrorista de 11 de setembro e continua até hoje, com mudanças que acompanham as transformações de nosso mundo, consolidando a importância dos mortos-vivos como metáfora social.

Na terceira seção, denominada *Escrita criativa*, o conto *Carta a uma irmã* nos convida a pensar sobre a morte e sobre o relacionamento que temos com os outros. Indubitavelmente, durante a pandemia de Covid-19, a solidão do isolamento e o medo do vírus reconfiguraram a subjetividade e a alteridade, oferecendo novas possibilidades de interação, exigindo uma reavaliação de como vivemos e gastamos nosso tempo e nos obrigando a uma adaptação.

Pensando sobre a literatura viral sob outra perspectiva, dois artigos compõem o segundo eixo temático desta edição, voltado à literatura digital. No espaço cibernético, voltam a ser importantes questionamentos já conhecidos. As relações arte/coletividade e arte/estatuto, debatidas, dentre tantos, por Mallarmé e Duchamp, ganham novamente importância. Pode-se mesmo afirmar que elas se complementam, já que o estatuto do autor é relativizado, pelo fato de o texto produzido e consumido no ambiente virtual garantir maior participação ao leitor. No hipertexto e em alguns cibertextos, por exemplo, isso se concretiza de modo bastante acentuado: “O poder de recriar e operacionalizar simultâneas conexões sem ordem preestabelecida gera a emancipação do leitor, que trilha os próprios caminhos [...]” (MATOS; SILVA, 2008, p. 213)⁷.

Além disso, o ciberespaço amplia o alcance das artes, pois possibilita adaptações da mídia impressa para a digital, por meio de “procedimentos que têm por objetivo fazer uma releitura (...), aproveitando uma certa ‘vocalização’ digital, ou

⁷ MATOS, M. R.; SILVA, D. C. S. e. Poesia e hipertexto em Arnaldo Antunes: reinventando a página poética. *Ícone*, n. 2, São Luís de Montes Belos, 2008, p. 211-227.

seja, aqueles fazeres poéticos que já renunciavam o uso das tecnologias” (ANTONIO, 2016, p. 14, ênfase no original)⁸. Em outro estágio, mais avançado, a transposição midiática resulta no processo de revitalização do sentido da obra-fonte, à medida que o artista explora recursos distintos, muitas vezes estranhos à sua arte. É assim que a literatura, por exemplo, sobrevive nos novos gêneros e formatos, tais como *fanfictions*, vídeos (animados ou não), resumos visuais e *podcasts*.

A Internet, sem dúvida, democratiza o acesso, mas ela também amplia as competências do usuário, que pode ler, completar, comentar ou criar diferentes tipos de artes e mídias. Sendo assim, é imprescindível citar o novo *status* da obra de arte, que, hoje, é incompleta, em permanente e mútua construção e também mais permeável a interferências externas, sem a mínima necessidade de que essa seja especializada. Nas palavras de Tânia Porto: “As tecnologias põem à disposição do usuário amplo conjunto de informações/conhecimentos/linguagens em tempos velozes e com potencialidades incalculáveis, disponibilizando, a cada um que com elas se relacione, diferentes possibilidades e ritmos de ação” (PORTO, 2006, p. 46)⁹.

Discutindo algumas dessas questões, dois trabalhos são apresentados, na segunda seção, a qual recebeu o nome *Arte e sociedade no novo século*. Em *Podcast e “As crônicas de gelo e fogo”: incentivo mútuo entre a comunidade ouvinte e a comunidade leitora*, a autora estabelece o paralelo entre a literatura e uma nova mídia, o *podcast*. Associando o verbal escrito ao verbal oral/auditivo, a Internet e todos os formatos que ela abrange constituem espaços de fruição e reconstrução do literário. Por essas razões, o trabalho discute em profundidade os conceitos de transmídia e cibercultura, além de explorar a função dos *fandoms* e das redes sociais na **viralização** ou na repercussão da arte literária. No segundo artigo da mesma seção, sob o título *Literatura de cordel no fio da rede: o cibertexto poético como mídia digital*, os autores analisam a relação do cordel com a tecnologia digital, no que se refere ao novo suporte. A questão é ampla e abrange três vieses que se complementam: a produção, a divulgação e a recepção.

Desejo uma excelente leitura a todos e espero que os trabalhos publicados nesta edição contribuam para a reflexão sobre a intrínseca parceria que se estabeleceu, neste ano de 2020: entre a tragédia da pandemia e os benefícios da tecnologia.

Curitiba, 17 de dezembro de 2020.

Verônica Daniel Kobs¹⁰
 Editora

⁸ ANTONIO, J. L. *Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais*. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5230>. Acesso em: 11 dez. 2020.

⁹ PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. *Revista brasileira de educação*, v. 11, n. 31, Rio de Janeiro, jan.-abr. 2006, p. 43-57.

¹⁰ Editora da Revista *Scripta alumni*. Professora dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba-PR, Brasil.